

ALDAIR DIAS PEREIRA

Mimesis: O Realismo em Cláudio Manuel da Costa

Brasília, setembro de 2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Mimesis: O Realismo em Cláudio Manuel da Costa

Aldair dias Pereira

**Monografia apresentada ao
Departamento de Teoria Literária e
Literatura, como parte
indispensável para a conclusão do
curso de Licenciatura Plena em
Língua Portuguesa e Respectivas
Literaturas.**

**Orientador:
Prof. Doutor Alexandre Pilati**

Brasília, setembro de 2010

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por estar em todos os momentos ao meu lado; a meus pais, Alciley e Adilene pelo apoio e dedicação; à minha esposa Rosa por estar sempre disposta a me ajudar; a todos os amigos que me auxiliaram direta e indiretamente; e finalmente a todos os professores que me ensinaram com muito desvelo a amar a minha Língua e sua respectiva Literatura.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
CAPÍTULO I	7
Evolução histórica	7
Análise sucinta do movimento literário Árcade	7
CAPÍTULO II	19
A Mimese e a Poesia	19
CAPÍTULO III	26
Análise dos Poemas	26
CONCLUSÃO	30
BIBLIOGRAFIA	32

Apresentação

O objetivo deste trabalho é mostrar o realismo existente nos poemas de Claudio Manuel da Costa que diferente em estrutura do movimento estético literário apresentado no século XIX, mas consistente conceitualmente com a visão aristotélica de representação da realidade, mimetiza a realidade dentro de uma concepção iluminista antepondo-se ao movimento estético literário Barroco onde o poeta expõe, principalmente através de sonetos, forma de produção que prezava, a visão racional da realidade como propunha o movimento.

Cabe ressaltar ainda que, sendo o poema lírico forma que mimetiza a subjetividade humana e para além do olhar do poeta congrega em si a percepção social daquilo que já fora extrínseco ao texto, apresenta oportunidade de análise da sociedade, mesmo não muito explícita como ocorre em uma narrativa que possui instrumentos que facilitam a interpretação mimética

Esta voz despersonalizada, imiscuída nos poemas de Claudio Manoel da Costa apresenta na forma estético-cultural árcade a contradição dialética que torna os poemas vivos. Traz consigo um momento histórico próprio para a contextualização da realidade existente nos poemas.

Para melhor compreensão do ponto de vista que apresento parto do princípio de que existem traços realistas em obras antigas como a história de Abraão e seu filho Isaac, que possui um segundo plano preenchido de valores ético-morais, analisada em comparação com a obra de Homero, a *Ilíada*, que por seu turno ilumina ao leitor todos os fatos narrados no livro, como é descrito no livro *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental* de Erich Auerbach. Nesta visão procuro demonstrar que é possível produzir uma obra hoje dentro dos moldes realista proposto por seus idealizadores.

A análise será feita também sob a luz do texto “Retórica, poética e poesia” de Jonathan Curler.

O trabalho será realizado com base no material bibliográfico de autores variados, revistas e internet.

A monografia constará de três capítulos. O primeiro consistirá de um levantamento histórico do surgimento do Arcadismo na ótica de Ruedas e Antonio Candido; no segundo, se fará a apresentação da Poética de Aristóteles servindo como base teórica para mimese e o conceito de verossimilhança. Na mesma linha de pesquisa, será utilizado o conceito de mimese explorado por Erich Auerbach no livro *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental* para retratar o realismo não restrito ao momento histórico. Também será utilizado o texto do professor doutor Hermenegildo Bastos com o título de O “SOM NÃO” LITERATURA E MIMASE NUMA CANÇÃO DE CARDOZO. E, por último, serão mostrados dois poemas de Claudio Manuel da Costa que servirão de análise para demonstrar o realismo existente em seus poemas.

CAPÍTULO I

Evolução histórica

ANÁLISE SUCINTA DO MOVIMENTO LITERÁRIO ÁRCADE

Para auxiliar na compreensão e desenvolvimento deste trabalho, entendo que é importante abordar, em um primeiro momento, ainda que de maneira sucinta, alguns aspectos do Arcadismo sob ótica de Jorge Antonio Ruedas de La Serna e Antonio Cândido com intuito de melhor delimitar e delinear o movimento literário Árcades como forma de representação da realidade e do pensar humano na busca do espelhamento da verdade e liberdade.

O nome é derivado da Arcádia, uma região da antiga Grécia, próximo à parte central da Peloponeso. Possuía relevo montanhoso, e era habitada por pastores. Na antiguidade, foi associada a uma região mítica cujos habitantes juntavam trabalho com poesia, cantando o paraíso rústico em que viviam como a terra da inocência e da felicidade. Um de seus montes chamado Mênalo, era celebrado pelos poetas por ser consagrado a Apolo, deus da inspiração e condutor das musas.

Em um passo mais adiante o conceito de arcadismo foi importado da Europa como assinala Ruedas, que na Renascença, assumiu a conotação de um lugar ideal para viver, sinônimo de equilíbrio e serenidade de espírito. Adquiriu também certa tonalidade sensual: pastores e pastoras vivendo amores espontâneos, junto a uma natureza amena e acolhedora. Objetivou criar uma sociedade com ideal de liberdade ligado ao Iluminismo onde no Brasil expressou-se no ideário da inconfidência mineira que se pode entender como um segundo momento do arcadismo brasileiro de perfil ideológico. O fingimento poético se dava pelo fato de o poeta adotar um nome fictício de pastor de ovelha, uma convenção que tinha o nome de pastorismo. O bucólico, ligado ao conceito de vida natural, do campo escondia na linguagem um sinal de protesto. O arcadismo, desta forma, representava o mais alto grau de liberdade para a época. Como descreve Ruedas, a função da Arcádia era de formar oradores que

dominassem os segredos a eloquência. Por assim dizer, o Arcadismo esforçou-se em vencer a mentalidade da época, uma reação ao Barroco.

O Arcadismo português, de onde descende o brasileiro, foi criado por um grupo de poetas que após a destruição da capital portuguesa por um terremoto queriam restaurar a língua e a poesia portuguesa, pois por analogia da destruição da capital, enxergavam a língua e poesia destruída, neste ponto argumenta Ruedas citando Correia García.

Então fundamos esta sociedade, jurando padroeira della a Immaculada Rainha dos Ceos e da Terra, debaixo do inefável título da sua puríssima Conceição. Cada um de nós jurou o sagrado mystério e embaraçado este impenetrável escudo nos apresentamos no campo, confiados estramos na peleja, e não tardou muito a Victória(Id, ibid)

Este grupo utilizava uma articulação política para alcançar autonomia junto ao poder real para que unisse a esta causa que era jurar como padroeira a virgem Maria.

Ruedas escreve ainda que a tradição árcade de abandonar as cidades em busca de uma vida campestre simples e deliciosa foi estabelecido parte como imitação à ficção da fuga de Teócrito da metropolitana Alexandria consagrando a Sicília como cenário bucólico de seus poemas pastoris.

Ruedas cita o padre Francisco José Freire como teórico da Arcádia que tinha como pseudônimo pastoril de Candido Lusitano contribuiu para a Arte poética após ter lido Verney.

Como referencia ao desenvolvimento do que iniciou o movimento árcade onde a poesia também utilizada com importância política o Uruguai onde há uma nova mensagem literária.

Alfredo Bosi, na História Concisa da Literatura Brasileira, distingue dois momentos na literatura do século XVIII que serviram de equilíbrio para um melhor distanciamento de erros de contrastes favorecendo a compreensão dos fatos sendo vistos em justaposição onde o momento poético nasceu do encontro da natureza com os afetos comuns ao homem marcando assim o primeiro fato, e um momento ideológico vivenciado no meado do século traduzido

pela crítica burguesa aos abusos da nobreza e do clero. Ressalta-se aqui a importância da poesia Uruguai.

O Arcadismo, na percepção de Ruedas, citando Antonio Candido, funcionou como barreira devido ao século XVIII ser ímpar no que diz respeito à dissolução dos gêneros clássicos devido estarem entre razão e emoção como um mal contido que poderia ser compreendido, pois a cultura que servia de veículo para aristocracia se tornou insuficiente para a nova classe social emergente traduzia o discurso literário independente da vontade do escritor.

Este quadro histórico em que estava envolvido o escritor arcade funcionou como pressão para que este encontrasse uma saída que levassem em consideração os artifícios retóricos utilizando o pseudônimo, a máscara, a verossimilhança, a ambigüidade tirando a neutralidade e a evasão do campo da dissimulação.

A manifestação literária expressa aqui no Brasil que foi oriunda de Portugal e do ponto de vista da estético-cultural, uma reação ao Maneirismo surgido em Roma, não como uma reação ao Classicismo, mas uma nova forma de enxergá-lo teve por designação Arcadismo e deve ser enxergado para além da convenção pastoral como salienta Antônio Candido:

A designação Arcadismo é menos rica e significativa, devendo-se à influência dos italianos, que reagiram contra o Maneirismo nas agremiações denominadas Arcádias, cuja teoria poética nos atingiu pela influência de Muratori e a prática do seu poeta máximo, Metastasio. Ela engloba os traços ilustrados, e se tivermos a preocupação de não restringi-la à convenção pastoral, que evoca imediatamente, ainda melhor que as outras, dado seu sentido histórico... (Candido, 2007:44)

O Arcadismo brasileiro descendia do Arcadismo português, já explicitado acima, e como ocorreu, tratou-se de uma oposição ao movimento estético Barroco e para alguns com o Maneirismo. Como movimento crítico prezava por valores opostos ao barroco e esta oposição baseava-se na estética clássica onde exprimia a ordem natural do mundo e do espírito:

Conseqüentemente, prezaram-se na poesia aqueles valores atribuídos de ordinário à prosa e que haviam sido, mesmo nela, obliterados por mais de um século de intemperança verbal: clareza, ordem lógica, simplicidade, adequação ao pensamento(Candido, 2007:46).

O que estava em discussão era a estrutura poética oposta à orgia verbal que decaíra o movimento estético anterior, a poesia retomara neste ponto da prosa o que lhe pertence: o decoro e a dignidade de expressão.

O século XVIII pode ser entendido como um século de crise como escreveu Ruedas em **Para uma nueva lectura de La Arcadia** onde o homem firma-se na filosofia iluminista oposto ao obscurantismo do século anterior e sobre tudo a idéia do bem estar coletivo advindo da razão

O pensamento árcade procurou retirar os excessos barroco retomando o classicismo no sentido racional da produção artística e Verney, como homem de sua época, traduziu o pensar desta época.

Para além de um conjunto de gêneros literários, como explica Antônio Candido, era uma verdadeira filosofia de vida. Como movimento crítico de oposição ao Barroco, carregava em seu conteúdo a filosofia aristotélica de imitação. O critério utilizado pelo poeta era uma boa lógica natural. O poeta árcade deveria ter duas qualidades: engenho e juízo. A beleza estava subordinada a razão como elemento racional da forma que realça a verdade e a verdade era a verossimilhança e o verossímil estava na busca das formas naturais.

Dentro desta perspectiva, é importante salientar ainda a evolução e o propósito da poesia árcade vista sob o parecer de Verney e Cândido Lusitano dando forma e compreensão ao pensamento da época.

Como escreve Antônio Cândido, engenho e juízo eram elementos fundamentais para Verney que como homem do seu tempo aceitava o progresso da literatura, mas não via a poesia como algo necessário na república. A verdade objetiva evocada pela ciência não é

objeto de exposição da poesia, mas a verossimilhança. Neste ponto encontra-se a síntese do pensamento de Cândido Lusitano. A poesia como elemento arrebatador e irracional é vista como vontade do poeta que amplia as dimensões do seu trabalho. A beleza e a doçura realçam a verdade movendo aspectos do ânimo. O verossímil crível e possível, são certos na razão e próprio do poeta.

A busca do natural estava baseada no império da razão influenciada pelo iluminismo. Neste ambiente, a poesia árcade se firma para além de uma oposição ao barroco, apresenta-se como ânsia humana pelo belo crível, pela verdade possível de ser exposta com doçura e capaz de deleite. Posto assim verifica-se que a verdade para o poeta árcade é fabricada pelos livros que dá ao mundo um movimento racional possibilitando o encontro com o belo.

Estava em jogo a inspiração poética que para Verney a opção desta em detrimento das normas desandava a poesia:

Ainda não li livro português, que ensinasse um homem, a inventar e julgar bem; e formar um poema como deve ser. De que nasce, que os que querem poetar, o fazem segundo a força da sua imaginação: e não produz coisa, digna de se ver. (Verney Tomo 1º 177)

Nesta visão decorrem as qualidades impostas ao poeta árcade: engenho e juízo. O juízo decorrente da reflexão sobressaía ao engenho que traduzia a imaginação. A beleza, assim, estava subordinada a razão objetivando a arte como verdade.

Verney concebia a poesia como exercício mental, desprezando aspectos pessoais e prezando pelo ser retórico do poeta a qual supõe juízo e critério. Por isto dizia ele que “os culteranos foram maus poetas porque pensavam mal e assim sacrificavam a naturalidade em benefício da sutileza”.

O jogo de palavras, para Verney, estava em oposição ao raciocínio escolástico. Assim o racionalismo tendia ao utilitarismo didático.

A percepção de Verney sobre a poesia ganhou então uma dimensão antipoética sendo uma faculdade arbitrária e de divertimento repudiando a criação poética reservando o exercício do verso às vocações verdadeiras

O problema foi tratado sob outra ótica por Cândido Lusitano. Para ele há na poesia um elemento arrebatador e irracional. O poeta, na concepção dele, tinha a liberdade para ampliação do trabalho. Neste aspecto salienta Antônio Candido:

Entra aí em cena um intelectualismo que confia a criação da beleza ao esforço do poeta enquanto artífice – pois ela reside precisamente no “artifício” com que este acrescenta algo de seu à “matéria”; esta tem em geral as características do lugar-comum e só poderá deleitar se apresentar a “novidade”, o “maravilhoso”, que ferem a imaginação do leitor(Candido, 2007:50).

Segundo Antonio Candido a visão de Candido Lusitano conduzia o poeta a um enquadramento rigoroso, próximo em linhas gerais, de como concebia Verney. O momento de confluência era percebido na verossimilhança que se traduzia pelo momento de verdade objetiva onde a poesia encontrava utilidade.

O verossímil para Candido Lusitano, como explicitado acima, era aquilo que era crível, possível e provável, pois são certas na razão. O equilíbrio poético encontrava-se em não abandonar-se aos êxtases da fantasia e nem sempre ser animado por uma paixão violenta. A composição se daria por “uma certa desordem e ousadias de imagens”. O vôo poético se daria racionalmente com moderação estabelecendo graus na ousadia. A beleza poética ficou fundada na verdade não sendo a verdade objetiva como explicitado, mas como descreve Antonio Candido:

Este império da razão decorre da busca do natural, que é o seu “correlativo objetivo”, sendo o limite permanente da imaginação e o critério definitivo para se aquilatar a validade da poesia, baseada na “natureza das coisas” e necessitando verossimilhança para merecer a “aprovação do entendimento”(Candido, apud 122).

Antonio Candido ressalta ainda que o que se desejava era uma imaginação fiel à razão. A percepção adequada subordinada mais a lógica do que da inspiração era o conceito de engenho na visão árcade.

Candido Lusitano aproxima-se de Verney, segundo Antonio Candido, pelo fato de ver o poeta como artífice, porém não transformando a poesia em um exercício retórico e frio, na verdade a instrução e a inteligência predominam. A linguagem racional é posta em evidência como espelho do homem culto.

A despersonalização da obra, em linhas gerais do pensar árcade, propiciava a recepção artística através de paradigmas. Esta despersonalização, própria do lirismo, era devida “ao uso de temas e personagens antigos como veículo da emoção”. E isto era possível devido a escolha, pelo autor, de situações e emoções genéricas transcendendo a condição individual. O problema encontrado na literatura árcade vinha da monotonia das imagens limitadas.

A literatura árcade tinha uma destinação pública. O escritor prefigurava o seu público, para leitura em voz alta, e a ele se conformando

O arcadismo se firmou como consciência de integração, ajustando-se a uma ordem natural, social e literária no descrever de Antonio Candido, moldando a estética da imitação onde o espírito reproduz as formas naturais como conceberam e recriaram os bons autores da antigüidade. Neste ponto aparece o conceito de mimesis realizado por Aristóteles:

Entre as sólidas máximas, com que Horácio pretende formar um bom poeta, não é (...) menos importante a imitação da natureza, mas da imitação dos bons autores (...). Os Gregos e os Latinos, que dia e noite não devemos largar das mãos, estes soberbos originais, são a única fonte de que emanam boas odes, boas tragédias e excelentes epopéias (Candido apud 465).

O poeta árcade seguia a prescrição de se espelhar nos antigos sob o juízo de não alcaçar a força necessária na obra perdendo o norte. Assim a natureza era recriada mediante imitação literária que dava a obra segurança e nobreza. Não apenas isto, mas o instrumento

literário estava assegurado. Assim, o modelo era o orgulho do escritor neoclássico, diferindo dos românticos e pós-românticos, segundo Antonio Cândido.

Para a Arcádia o problema da forma foi resolvido no retorno aos clássicos. Resolvia também o problema do arbítrio do escritor, pois este se pautava nos gêneros e espécies tradicionais possibilitando alcançar os alvos árcades, criando “pontos de referência para o homem culto, propiciando e reforçando a comunicabilidade”.

Havia conseqüências às imitações as regras que possuía como ápice a razão natural e limitava o indivíduo em favor da norma. O indivíduo perdia a capacidade de observar diretamente a vida, sendo escorço, nas palavras de Antônio Candido, a paisagem civilizada, racionalizada da superfície da terra. Pode-se ter nesta explanação a construção da poesia de Claudio Manuel da Costa que utilizava símbolos como penhas e montanhas.

Se assim se traduzia para o exterior, ocorria para a vida interior também o senso de moderação que pôs a literatura à superfície da alma. O homem era visto assim em estado de natureza que na comparação de Candido, como não se desce aos subterrâneos da terra, não se baixa também aos do espírito.

Traduzindo o conceito de belo no ambiente árcade estava ligado ao verossímil buscando formas naturais no mundo físico e moral segundo Antonio Candido.

Houve, na verdade, combinações complexas não previstas pelos cultores da Razão em ser fiel à Natureza. Misturaram-se idéias inatas ao empirismo e o sensualismo deixando marcas na literatura.

É importante levar em consideração do mundo nesta época, pois o avanço científico levou o homem a vários questionamentos, mas também a reestruturar a forma se enxergar e enxergar o mundo em que estava inserido. Nas palavras de Antonio Candido:

A razão setecentista, contemporânea do empirismo e da física de Newton, é a mesma que transparece na ordenação do mundo natural,

mostrada por Linneu ou Buffon. O mundo, que impressiona a folha branca do espírito, deixa nela um traçado coerente; é, pois um mundo ordenado, ao qual corresponde uma inteligência humana igualmente ordenada pelo fato mesmo de lhe ser coextensiva(Candido, 2007:58)..

Antonio Candido explica ainda como foi se formando a consciência do homem natural concebido no Arcadismo:

Conservando, pois, o arcabouço do bom senso e da simetria matemática, as principais correntes do século XVIII amaciam-no de algum modo por sentimento muito mais agudo dos fenômenos naturais; e aquilo que se chamava de preferência universo, ou mundo, passa a chamar-se natureza. Enquanto os libertinos do século anterior se haviam distraído com a matemática e a física, neste os curiosos, os filósofos, sem desdenhá-la, se enamoram, cada vez mais, da botânica e da zoologia. O conceito Natureza vai englobando o instinto, o sentimento, cujas manifestações, subordinadas a princípios, avultam ao ponto de promoverem, em literatura, explosões emocionais que desmancham de todo a clara linha da Razão(Candido, 2007:58).

O contexto histórico de descoberta e entrelaçamento das diversas áreas do saber humano de onde emergia o embasamento árcade ampliou a visão o conceito de Natureza englobando o instinto e sentimento humano promovendo na literatura no dizer de Antonio Candido explosões emocionais que desmancharam a clara linha da Razão.

O preceito horaciano de que para comover era preciso estar comovido encontra terreno fértil para se ter um apelo a sinceridade. Assim, a Natureza que aparece com novas dimensões faz conexão com a sinceridade ou a expressão direta do que o poeta sentia.

Se todos os autores seguiam a norma horaciana no que diz respeito à arte poética desde o Renascimento, com estas novas percepções a construção poética ganha uma estética de tamanha agudeza expandindo a romântica onde o humano transcendeu a arte de encontro ao inefável, afastando-se da teoria clássica que no dizer de Antonio Candido geralmente não reconhece problema algum além do que a obra encerra na sua integridade formal.

Outro questionamento que se deve levar em consideração e que auxiliam na compreensão da visão da época é sobre o homem natural como argumenta Antonio Candido:

Em história literária, convém sempre indagar qual o tipo, ou tipos ideais de homem invocado, explícita ou implicitamente, nas obras dos escritores, porque ele nos dá quase sempre a chave para compreender

a correlação da literatura ao momento, ideológico e histórico(Candido, 2007:60).

Ele acrescenta ainda que “o homem natural seria espontâneo e polido, simples e requintado, rústico e erudito, razoável e sentimental” preparando a ruptura do equilíbrio clássico apresentado um homem racional e natural indo além da tendência.

O homem natural ligado ao que seria espontâneo deu parecer o conceito de lógica do coração.

Mas é quando se discute o termo Bucolismo percebe-se o Arcadismo acima de gêneros literários reinterpretando o mito da idade de ouro e em última análise, na ponta da linha, seria desmontar o Cultismo decadente. Este tema traz à discussão o que foi explicitado no início deste trabalho sobre a recuperação da cultura do campo que como bem perdido. Para Antonio Candido “os gêneros pastoris simplificaram as imagens poéticas, por uma contemplação mais simples da paisagem e dos seres”.

Dando um passo mais adiante, na exposição do assunto sobre a formação da literatura brasileira, Antonio Candido retoma o conceito de imitação aristotélica e que será analisado no próximo capítulo, para trazer à luz a estrutura poética do século XVIII que tinha como suporte a filosofia Iluminista. A noção de verdade estava ligada ao racional e o natural advinda dos conceitos aristotélicos de mimese. Neste ponto escreve Antonio Candido:

Ao imitar os objetos na natureza, a arte caminha guiada pela razão; esta não visa a reproduzir, como quereriam mais tarde os naturalistas, mas, ao contrário, apreender a forma imanente, ou seja, uma verdade ideal.(Antonio Candido2007:65)

A percepção de belo para o poeta árcade estava filtrada pela razão e dependendo de qual caminho trilhasse, acentuando o aspecto voluntário e intelectual na criação ou dando amplo papel à imaginação, o resultado era a verdade ideal justificando o verossímil.

Antonio Candido conclui que razão, natureza e verdade fazem parte de uma mesma coisa quando se analisa o século XVIII com suas várias transformações intelectuais baseadas na estética Greco-latina para a formação do pensamento árcade. No entanto Candido argumenta o aparecimento de correntes de desequilíbrio que procuravam pontuar o belo ou o verdadeiro na busca em dar melhor acabamento teórico à mimesis na representação do mundo natural e social explicando até mesmo a tendência neoclássica em demonstra na literatura o verossímil coberto pelo pólo da verdade. Neste raciocínio encontra-se o equilíbrio quando se tem a **“verdade como adequação da obra ao objeto”** traduzindo a estética da obra neoclássica como escreve Antonio Candido:

...nela cabia também a busca da verdade científica e da verdade social, através do poema didático, da epístola e da sátira. Na França, por exemplo, o Classicismo do século XVII, sobretudo moral, ou seja, psicológico, dá lugar no século XVIII a um Neoclassicismo em parte social, que concebia a verdade não mais apenas como coerência do homem consigo mesmo, e da obra de arte com a natureza. (Antonio Candido 2007:67)

Para Antonio Candido houve a junção da preocupação com a harmonia e desarmonia da natureza com a harmonia e desarmonia do universo social, da sociedade civil. Desta evolução de idéias onde culminou na percepção da lei humana de mesma origem que a lei natural vendo o homem como prolongamento da natureza fundiu-se a definição, com propriedade de Montesquieu que diz: **“que a vida social obedece a leis objetivamente determináveis, é passível de modificar-se por um conhecimento adequado das mesmas, podendo o homem por, por conseguinte, melhorar progressivamente”**.

Concluindo, verifica-se deste modo a construção filosófica da poesia árcade que aqui no Brasil teve momentos de construção ligada ao primeiro momento de equilíbrio dissolvendo o belo e o racional dentro da poesia de Claudio Manuel da Costa e justapondo-se a este

momento uma construção politizada encontrada no poema o Uruguai e outros. E, como diz Antonio Candido, foi com a vinda de D. João VI que o Brasil conheceu a época das luzes, mesmo de forma branda. O Cristianismo que representou nesta época um ideal de fraternidade oposto a representatividade do clericalismo traduzia na voz dos ilustrados as tendências ideológicas do século XVIII. Junto, fomentaram-se as tendências ideológicas que serviram para a construção da independência.

CAPÍTULO II

A MÍMESE E A POESIA

A mimese como tema de estudo para Aristóteles estava intrinsecamente ligada ao instinto humano como forma de aquisição de conhecimento e prazer. A contemplação de imagens de objetos, como discorria, instruí o indivíduo como ato natural de tendência à imitação. Neste ambiente de imitação que poetas produziram e produzem obras como melhor lhe é inclinado o espírito em conexão às tendências sociais e históricas de cada época. Assim na obra *Ilíada* de Homero, como uma das formas de atingir o belo, o homem é pintado melhor do que é.

Para Aristóteles há diferenciações existentes na mimesis que se caracterizam em três etapas, a saber: modos, objetos e meio. A imitação que se origina na poesia é algo inerente à natureza humana e a improvisação. Aristóteles encontra no metro a estrutura da poesia, podendo ser heróicos (exaltação) ou jâmbicos (linguagem coloquial). Homero, para Aristóteles, foi o grande precursor dessa arte, por utilizar-se dos dois metros em suas obras.

Na poesia épica e na tragédia encontra-se a imitação em versos de seres superiores. A diferença está em que a epopéia tem metro uniforme, forma narrativa e tempo ilimitado; e a tragédia, com duração limitada, exprime-se por ações.

A epopéia apresenta uma estrutura dramática; Compõe-se de uma única ação, inteira e completa, com começo, meio e fim, para que provoque o prazer que lhe é típico.

Como narrativa, permite o desenrolar de diversas ações na mesma época.

Para Aristóteles havia diferença entre o poeta e o historiador: o poeta trata de coisas que podem vir a acontecer de uma forma universal podendo apresentar um conteúdo mais filosofia e circunspeção (calma e prudência). O segundo faz um relato dos fatos que realmente aconteceram.

Há conceitos que Aristóteles oferece que serviram de base para construção estético-cultural que são a catarse (*katharsis*) significando a purificação das emoções e paixões idêntica as das personagens, efeito que se pretende da tragédia, através do terror e da piedade que deve provocar nos espectadores. A verossimilhança como imitação dos fatos reais ou individuais. A metáfora como transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia.

Na verdade Aristóteles utilizava estes termos com sentidos inteiramente diversos de Platão. Para Platão, as artes eram aquelas reguladas pela mimesis, e a mimesis é entendida como imitação. Se para Platão uma poesia era mimesis, então o poeta representava o mundo sensível, que por sua vez era cópia da Idéia imutável, que constituía a realidade.

Este sentido negativo de mimesis – imitação - tal como foi empregado por Platão, foi a tradução do termo que se consolidou na tradição filosófico-literária ocidental. Aristóteles dá ao termo um caráter positivo e uma importância muito maior, a ponto do termo, que é apenas mais um no vocabulário platônico, se tornar um conceito no interior da *Poética*. Os conceitos de mimesis (traduzido por imitação) e katharsis (traduzido por purgação, purificação) são as peças fundamentais que moldam a definição de tragédia:

É pois a tragédia uma **imitação** de um caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamento distribuídas pelas diversas partes do drama, **imitação** que se efetua não por narrativa, mas mediante atores, e que suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a **purificação** destas emoções".(Aristóteles, A Poética Cap VI)

"A palavra mimesis para Aristóteles está ligada à techné (arte) e à physis (natureza). Na *Física* de Aristóteles a arte imita a natureza. A mimesis aristotélica alcança uma dimensão ontológica, por determinar o modo de ser do poema trágico. O autor trágico é um imitador da ação na *Poética*, e da natureza na *Física*. Mas, como explica Victor Knoll, a ação imitativa é o transporte do particular para o universal, uma atividade que procura reassumir os procedimentos da physis, ou: "a mimesis tem como material a história, que converte em fábula por força da techné segundo a physis".

Em uma conclusão poderia dizer que a poesia é, então, imitação. Mas a imitação pode imitar homens melhores ou piores. A imitação de homens melhores resulta na tragédia, e a imitação de homens piores resulta na comédia. O ato de imitar, para Aristóteles, é congênito

ao homem, juntamente com a harmonia e o ritmo. Este caráter inato e muitas vezes até mesmo inconsciente da atividade imitativa é mais uma mostra da nobreza que ela adquire na teoria aristotélica.

No livro *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental* de Erich Auerbach o autor argumenta a forma de se expor ao leitor os ambientes e os planos narrados, como parte essencial da representação da realidade. A realidade como instigador do conhecimento através de imagens é apreensível pela imitação, como propõe Aristóteles como exposto acima.

Se para Balzac os objetos e as pessoas que constituem um meio ganham com frequência uma segunda significação passando pelo crivo sociológico-moral, a verossimilhança nesta apresentação estética é compreendida também no subentendido. É importante ressaltar o realismo atmosférico de Balzac vinculado ao produto de sua época como analisa Auerbach, produto histórico da França. Com mesmo processo de entendimento, é preciso voltar-se os olhos para a mimese realizada pelo arcadismo, no desenvolvimento realizado por Claudio Manuel da Costa que fugia do homem dividido entre o teocêntrico e antropocêntrico, próprio do Barroco. Como Advoga Kant, em seu livro “Crítica da Razão Pura”, que o homem não consegue perceber a realidade. O fenômeno observável é apreensível sob sua ótica, de forma que o fenômeno extra-humano observado é produção humana. Assim o homem árcade reproduz a realidade baseada na verossimilhança, pregando uma sociedade mais justa, buscando uma poesia sem artifícios compensando o exagero Barroco. Há moderação na viagem poética onde a natureza aparece como conhecimento verdadeiro. Neste ponto Claudio Manuel constatou na natureza o caminho da verdade e descoberta do equilíbrio.

Pode-se dizer que a poesia pastoral como tema árcade opõe-se às linhas artificiais da cidade dando preferências a paisagem natural do campo como um bem perdido encarnando

facilmente um sentimento de frustração, como salienta Antônio Candido, o poeta árcade procurou unir o útil ao agradável na busca do verossímil fazendo dos afetos comuns ao homem e a natureza um encontro possível.

O bucólico, termo ligado a vida natural e marca do arcadismo, permitia ao poeta a liberdade da etiqueta da corte e exaltava o existencial. Os valores árcades mutilavam as inutilidades barrocas amputando o supérfluo em favor de um racionalismo que estimulava a fantasia.

Nos poemas de Claudio Manuel da Costa, que serão analisados no próximo capítulo, podem ser encontrados os elementos apresentados até aqui e que constituem o referencial histórico e estético do Arcadismo. Trata-se de poemas que pela sua forma de constituição faz-se entender como lírico e apresenta as dificuldades pertinentes ao gênero. A mimese definida manifesta-se, como explicitado na apresentação deste trabalho, na subjetividade do poeta e que por apresentar múltiplos olhares, apresenta a totalidade social fazendo uma síntese do extrínseco-intrínseco traduzindo a contradição dialética. Para perceber a totalidade do que está dito no implícito, um dos modos da mimese poética, é necessário perceber o lócus da percepção da vida e do mundo. É necessário entender as referências que o poema faz ao mundo fetichizado, para se entender o trabalho poético que baseado na tradição dialética termina por ser o paradigma do trabalho livre, como argumenta Hermenegildo Bastos no texto em que analisa a “Canção que vem por um caminho” de autoria de Joaquim Cardozo. No texto, Bastos argumenta ainda que: **“a linguagem poética é a nostalgia ou mesmo elegia de uma era inacessível e, pior ainda, impossível de ser historicamente comprovada – a era anterior à reificação. Mas, se não podemos comprovar o passado anterior à reificação, podemos seguramente dizer que em toda poesia... deparamos com a memória dela. Memória, que se não é do passado, pode bem ser do futuro.”**

Por reificação, termo utilizado pelo autor, pode ser entendido como uma transformação infinita a que está sujeito o trabalho poético como produto que se reproduz indefinidamente divergindo do trabalho estranhado que se define na venda da força de trabalho pelo trabalhador resultando em uma reversão hostil do trabalho realizado pelo trabalhador. Por mundo fetichizado Bastos procura explicitar diferenças existentes entre filosofia e poesia através das argumentações de Giorgio Agamben no livro *El lenguaje y muerte*, onde o autor do livro busca a captação do lugar inacessível do original da palavra para o homem que fala como próprio fundamento e salvação. Lugar inencontrável e inacessível, pois não se pode colocar fora do processo de reificação, argumenta Bastos.

Entendimento importante nesta parte deste trabalho são a relação da obra literária e a sociedade que para a mimesis será entendida como atividade não de repetição, mas no paradoxo do fato de: em se afastando do mundo, traz-lo em si. Acrescenta Bastos.

A leitura de um poema e sua interpretação, analisando o exposto até aqui, torna-se tantos quantos os olhares interpretam-no apontando para o enigma da vida que pode ser interpretada e reinterpretada na forma da palavra, escondida no lugar inacessível e que se apresenta dando à vida um corpo mutável.

A realidade da vida humana, presente nos poemas de Claudio Manuel da Costa, apresenta-se assim não estática, mas em movimento contínuo captado por uma forma estética que a expõe à sociedade na expressão lírica do poeta e que se afasta do autor na versão dos múltiplos olhares permitindo a reinterpretação e descodificação em um dizer simples: alguém poderia dizer isto.

Para Auerbach a mimese como tema ocupou-o por um tempo, obrigando-o a se debruçar sobre o tema partindo da interrogação platônica existente no capítulo X da República onde é posto em terceiro lugar em ordem de importância após a verdade. Acontecendo de forma diferente na Comédia de Dante onde a pretensão era apresentar a realidade verdadeira.

Para Auerbach o realismo moderno como fenômeno estético do século XIX realizou uma total solução daquela doutrina, quando se analisa as formas miméticas da realidade. Foi mais significativa, no dizer do autor, para a formação posterior da visão literária da vida em comparação com a mistura do sublime com o grotesco proposto pelos românticos. Esta nova visão exposta pelo realismo do século XIX quebrou a regra básica da diferenciação dos níveis estilística baixa ou média de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável, argumenta o autor. Foi, na verdade, o nascimento de uma evolução que estava em gestação há muito tempo, dando “formas cada vez mais ricas, correspondendo à realidade em constante mutação e ampliação da nossa vida”.

Auerbach analisa um realismo sério ocorrendo no Renascimento e até mesmo durante a Idade Média onde foi possível representar os acontecimentos mais corriqueiros da realidade acontecendo tanto na poesia como nas artes plásticas invalidando a doutrina dos níveis como caráter universal.

O autor reconhece as diferenças entre o realismo medieval e moderno e que é na história de Cristo que se concentra a mistura do real cotidiano com o que ele nomeia de a mais elevada e sublime das tragicidades que venceu a antiga regra estilística. E que na interpretação da história da significação da palavra figura ele consegue retratar o que chama de realidade da tardia Antiguidade e da Idade Média Cristã.

No livro mimesis de Auerbach, ele avalia que um acontecimento terreno significa não somente a si próprio, como outro acontecimento. Isto não é visto como desenvolvimento temporal. Na verdade, após esmiuçar vários textos antigos existentes na bíblia e neles demonstrar as formas de retratar a realidade, inclui nisto os textos homéricos, o autor deixa o método de interpretação para o leitor com o poder de escolher e dar ênfase como preferir.

Para este trabalho, fica a parte de traduzir, no próximo capítulo, a proposta do movimento Árcade. Como este movimento estético tratou a realidade confrontando com a

análise criteriosa de Antonio Candido quando trabalha o movimento sob três vértices: Razão, Natureza e Verdade.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS POEMAS

Neste terceiro e último passo da pesquisa serão analisados dois poemas de Claudio Manuel da Costa onde tentarei mostrar como se apresentou o realismo na concepção Árcade no Brasil e mais precisamente nos poemas de Claudio Manuel da Costa, evitando que haja uma generalização. Procurei utilizar como suporte uma das formas da crítica literária que auxiliam a dirimir dúvidas e apontam um caminho para melhor comparar com os conceitos de mimesis exposto por Auerbach.

Os textos escolhidos são semelhantes na forma, rima, ritmo, na estrutura decassilábica e no jogo de contraposição estabelecido. As imagens criadas pelo eu - lírico são semelhantes. O perfil desta voz tende a individualidade onde fala dela mesma verificando sua própria condição. É importante ressaltar também o potencial expressivo da linguagem, pois se trata de um poema lírico baseado na extravagância dizendo muito em poucas palavras. E por último e mais claro, é a forma de apresentação que o poeta escolhe para se expressar que é o soneto, reconhecido como a forma clássica da poesia. Cabe ressaltar ainda que o perfil do autor empírico não se confunde com a vida imediata do autor onde é traduzido que o que está escrito não é Claudio Manuel da Costa.

Os poemas escolhidos são: Torno a ver-vos, ó montes. Temei, Penhas.

Torno a ver-vos, ó montes

Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros longas)
Pelo traje da corte rico e fino

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros

Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega ater mais preço, e mais valia,
Que da cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;
E o que até agora se tornava em pranto,
Se converta em afetos de alegria.

Temei, Penhas

Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh! quem cuidara
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra meu coração guerra tão rara
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano;

Vós que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei: que Amor tirano
Onde há mais resistência mais se apura

Partindo para análise dos poemas, nos dois primeiros versos do primeiro soneto a paisagem é da convenção clássica de universalização. Os elementos locais são os montes, assim o poeta delinea o interlocutor que é o próprio país. Ressalta-se aqui a reversão da tradição clássica onde a natureza é fabricada. Há um sentimento de nativismo em oposição ao sentimento cosmopolita.

Percebe-se a dialética que toma conta do primeiro poema juntando opostos, mas não são colocadas de forma que não se tocam como ocorre no Barroco. A reflexão do trabalho serve para criar imagens que facilitam a visão do real.

Há no poema uma relação entre o ambiente em que o autor empírico enxerga e o ambiente da convenção clássica. É apropriado verificar o conceito Árcade apoiado no tripé Razão, Natureza e Verdade, explicado por Antonio Candido. O autor inseriu-se em uma tradição. A natureza tende a ser uma natureza controlada pela razão. Quando o autor utiliza a palavra choupana como símbolo deste ambiente, traz a idéia de casa e junto um sentimento nativista.

É importante comentar o abasileiramento do Arcadismo que esclarece o porquê da mudança das formas literárias onde o agente de transformação é o poeta e a situação colonial auxilia na transformação desta forma.

O caminho para a natureza da convenção se faz na citação dos Gabões nos trajes rústicos que está em contraste com os dois primeiros versos da primeira estrofe onde falava da natureza real de Minas têm-se Almendro e Corino que são pastores da Arcádia grega.

Os míseros e desatinos vaqueiros são palavras utilizadas para qualificar os que estão vivendo na rusticidade. Há aqui um rompimento no tripé que Antonio Candido chama de Razão, Natureza e Verdade. A convenção entra e faz o contraste com a natureza real destoando com palavras. A natureza árcade é controlada oposta à cidade, mas civilizada racionalizada. Os vaqueiros tocam os animais. Os vaqueiros olhados pelo poeta são míseros. A consciência existente no poeta traz um olhar para exposição realista, mesmo que arcaica, da visão do autor. No dizer de Auerbach, há uma quebra na tradição clássica da mimese que se expressa em níveis. Aqui há lugar para uma exposição equilibrada do real auxiliado pelas figuras antitéticas utilizadas pelo poeta. A visão da corte permite o poeta diagnosticar a condição do vaqueiro tratando-o como mísero. Não há uma denúncia com viés político. A voz não se considera vaqueiro há um distanciamento em um convencimento que reforça o sentimento nativista que onde o poeta está é bom. O retrato exposto da classe social mais baixa na forma estética do realismo do século XIX encontra-se pintado por Claudio Manuel

da Costa no gênero lírico. A palavra escolhida pelo poeta se mostra de tom grave retratando a condição do vaqueiro diferenciado da voz lírica.

O poema dá transformação utilizando a palavra tornar. Torna-se parte desta natureza.

O autor se entrega as contradições, no segundo poema. Soneto mais convencional, menos Árcade. O berço caracteriza o coração encontrando uma síntese na palavra brandura, expondo a técnica utilizada por Claudio Manuel da Costa. O peito é sem dureza, mas é fortaleza caracterizando faixas de significados. Um discurso lógico argumentativo. O poeta se coloca em uma posição incerta. A natureza real passa para a natureza convencional mostrando o esforço do Arcadismo em deixar a natureza filtrada.

O eu lírico fala de sua terra natal. As duas idéias opostas afirmam que nasceu em um lugar de pedras duras, mas que tem a alma terna. Os elementos que identificam o cenário dizem respeito ao campo, à natureza e não à cidade. Há uma evocação do princípio do "**fugere urbem**" adotado pelos árcades. A preocupação do eu lírico em apresentar o local de nascimento mostra o realismo adotado por Claudio ressaltando diferenças com a metrópole. Há dureza, mas a realidade é filtrada pela convenção árcade mais uma vez.

CONCLUSÃO

Ao desenvolver o tema sobre o realismo encontrado nos poemas de Claudio Manuel da Costa, foi abordado, primeiramente, o movimento literário árcade com intuito de se entender o movimento estético-cultural da época, e o que se propunha a criar para se ter embasamento para comparar. Foi possível entender também em que se baseava o movimento estético-cultural para a produção literária, através dos argumentos expostos por Antonio Candido que considerou as três vertentes: Razão, Natureza e Verdade. Neste ponto foi possível ver que o belo para o Arcadismo era natural, e este passava pelo crivo do racional. Foi possível ver como se desenvolveu o realismo em produções fora do contexto convencional. Através do trecho *Para uma nueva lectura de La Arcadia*, de autoria de Jorge Antonio Ruedas, foi possível compreender o Arcadismo desenvolvido em Portugal e comparar a mudança ocorrida aqui no Brasil.

Em um segundo momento foi possível entender a mimese na visão clássica. Entender o realismo fora da convenção do movimento da época através da exposição feita por Erich Auerbach. No livro *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental* de Erich Auerbach o autor utilizou narrativas, inclusive bíblicas, a épica narrativa de Homero para demonstrar o realismo existente nestas obras. O livro foi útil como embasamento para a compreensão de um realismo que se desenvolveu até o ponto de maturidade alcançado no século XIX. A visão aristotélica de mimese exposto na *Poética* ajudou neste trabalho para se estabelecer as diferenças conceituais dentro da obra de Claudio Manuel da Costa. Dentro desta obra e compreendendo a proposta clássica, foi possível ver nos poemas de Claudio o rompimento com o Barroco realizado pelo Arcadismo. Mas também foi importante para ver a influência camoniana nos poemas de Claudio.

A visão de Auerbach sobre o realismo existente no Renascimento e até mesmo na Idade Média tem por base uma peça sobre o Paraíso e o relacionamento de Adão e Eva encontrado na bíblia. A forma de exposição do trágico e da comédia é que fizeram a diferença com o modelo clássico.

A partir da análise da Canção que vem por um caminho, realizada pelo professor doutor Hermenegildo Bastos foi possível analisar melhor o gênero lírico dos poemas de Claudio Manuel da Costa. No texto de Bastos há a exposição da contradição dialética a que está sujeito o gênero lírico dos poemas. Oposições em que se percebe o extrínseco no intrínseco, como avalia Bastos. A sociedade no Brasil Arcade é encontrada e traduzida, conforme o conceito de Antonio Candido, nos poemas de Claudio Manuel da Costa. “Sociedade de castas” que produzia um sentimento nativista no eu - lírico do poema e ao mesmo tempo não podia deixar de ver a realidade a que estava submetido os vaqueiros.

Por último, foi feito uma análise dos poemas de Claudio Manuel da Costa baseado no texto do professor doutor Hermenegildo Bastos que auxiliou na compreensão da forma da crítica literária.

O realismo realizado por Balzac passava pelo crivo sociológico-moral. A verossimilhança estava no subentendido, no segundo plano onde o realismo ganhava estrutura. Não foi possível encontrar nas obras de Claudio Manuel da Costa este tipo de realismo, mas pôde-se rastrear, pela proposta filosófica do Arcadismo, um realismo arcaico que procurava descrever dentro da poesia a realidade do homem do campo com ânsia de liberdade. Homem culto que por algumas vezes deixava traços do barroco em sua poesia, soube tratar a verdade como transcrição do belo.

Razão, Natureza e Verdade. Tripé que sustentou a estrutura do fazer poético árcade rejeitando os excessos Barrocos. Não como oposição qualquer, mas em um modo clássico inovador.

Fruto de um olhar crítico, os poemas de Claudio não deixaram de expor a realidade que os cercava em busca da totalidade. Não ficaram presos à estrutura artística árcade, mas argumentaram um mundo igualitário sob a proposta filosófica iluminista. Poder-se-ia dizer que estes poemas aqui discutidos trazem visões do mundo baseado em uma palavra que os torna para si, modifica-os, enquanto modifica o olhar de quem se lança sobre eles para estudá-los. Valem por si e imprescindível da reflexão social na qual estavam inseridos, valendo assim como parte de um todo.

BIBLIOGRAFIA

SERNA, Jorge Ruedas de la. *Para uma nueva lectura de La Arcadia*. Unicamp:, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira, Momentos decisivos. 11.ed. Rio de Janeiro: ouro sobre Azul, 2007.*

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental. ..4.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.2002.*